



MARTINHO
LUTERO E
PORTUGAL:
DIÁLOGOS,
TENSÕES E
IMPACTOS

*MARTIN
LUTHER &
PORTUGAL:
DIALOGUES,
TENSIONS &
IMPACTS*

EDITE MARTINS ALBERTO

ANA PAULA AVELAR

MARGARIDA SÁ NOGUEIRA LALANDA

PAULO CATARINO LOPES

(COORD.)



CHAM
CENTRO DE
HUMANIDADES



**MARTINHO LUTERO E PORTUGAL:
DIÁLOGOS, TENSÕES E IMPACTOS**
*MARTIN LUTHER & PORTUGAL:
DIALOGUES, TENSIONS & IMPACTS*

EDITE MARTINS ALBERTO
ANA PAULA AVELAR
MARGARIDA SÁ NOGUEIRA LALANDA
PAULO CATARINO LOPES
(COORD.)


CHAM
CENTRO DE
HUMANIDADES



TÍTULO

Martinho Lutero e Portugal: Diálogos, Tensões e Impactos
Martinho Lutero and Portugal: Dialogues, Tensions and Impacts

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Edite Martins Alberto, Ana Paula Avelar,
Margarida Sá Nogueira Laland, Paulo Catarino Lopes

EDIÇÃO

Edições Húmus
CHAM – Centro de Humanidades
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26 | 1069-061 Lisboa | Portugal
cham@fch.unl.pt | www.cham.fch.unl.pt

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cátia Teles e Marques e Inês Cristóvão

ARBITRAGEM CIENTÍFICA

Ana Isabel Buescu (Universidade NOVA de Lisboa),
Ana Paula Avelar (Universidade Aberta),
António Camões Gouveia (Universidade NOVA de Lisboa),
José Pedro Paiva (Universidade de Coimbra),
Margarida Sá Nogueira Laland (Universidade dos Açores)
e Margarida Vaz do Rego Machado (Universidade dos Açores).
Foi aceite para publicação em Novembro de 2018.

A Associação de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa e a Igreja Luterana de Portugal apoiam a publicação desta obra.

Publicação subsidiada ao abrigo do Fundo de Apoio à Comunidade Científica (FACC) e dos projectos estratégicos do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – UID/HIS/04666/2013 e UID/HIS/04666/2019.

Nota dos editores: Os direitos de utilização das imagens são da responsabilidade dos autores.

DESIGN

SAL STUDIO

FOTOGRAFIA DA CAPA

José Vicente, 2015

DEPÓSITO LEGAL

461801/19

ISBN (EDIÇÕES HÚMUS)

978-989-755-426-1

ISBN (CHAM – CENTRO DE HUMANIDADES)

978-989-8492-65-4

DATA DE PUBLICAÇÃO

Setembro de 2019

TIRAGEM

350 exemplares

REVISÃO E PAGINAÇÃO

Margarida Baldaia

IMPRESSÃO

Papelmunde | V. N. Famalicão

Í N D I C E

- 9 Prefácio
ILSE EVERLIEN BERARDO
- 11 *Foreword*
ILSE EVERLIEN BERARDO
- 13 Introdução
ANA PAULA AVELAR
- 17 *Introduction*
ANA PAULA AVELAR
- DIÁLOGOS | DIALOGUES
- 23 Lutero e a Cruz. Raízes, chave hermenêutica e posteridade de um tema teológico
Luther and the Cross. Roots, hermeneutic key and posterity of a theological theme
ALEXANDRE PALMA
- 37 Luteranismo em Portugal – das origens à actualidade
Lutheranism in Portugal – from its origins to the present day
ARTUR VILLARES
- 45 *Lost in translation?* Antiguidades, Reforma e Contra-reforma: breves reflexões sobre o caso português
Lost in translation? Antiquities, Reform and Counter-Reformation: reflections on the Portuguese case
ANA CRISTINA MARTINS
- 59 Diálogos entre Martinho Lutero e Damião de Góis ou como as impressões de um encontro se plasmam na historiografia de um tempo
Dialogues between Martin Luther and Damião de Góis or how the impressions of an encounter mark historiography of a period
ANA PAULA AVELAR
- 71 D. Fr. Agostinho de Jesus (OESA) e a arqueologia das entradas episcopais em Portugal: representações, poderes episcopais, cerimonial no final do século XVI
D. Fr. Agostinho de Jesus (OESA) and archaeology of the episcopal entrances in Portugal: Representations, episcopal powers, ceremonial at late 16th century
PAOLA NESTOLA

- 91 Os primórdios da presença protestante na Ilha de São Miguel no século XIX
The origins of Protestantism in the island of São Miguel in the 19th century
SÉRGIO PAULO DA SILVA FURTADO

TENSÕES | TENSIONS

- 105 Tensões e sentidos na consciência europeia de 1532 a 1536
Tensions and Feelings in European Conscience from 1532 to 1536
MARIA LEONOR GARCÍA DA CRUZ
- 125 Dois capítulos sobre a tolerância e intolerância religiosas na Transilvânia
(sécs. XVI e XX)
*Two chapters of religious tolerance and intolerance in Transylvania
(16th and 20th centuries)*
ISTVÁN RÁKÓCZI
- 141 O Diabo em perspectiva: visões de Lutero e da Igreja Católica acerca da figura
do Demônio
*The Devil in perspective: the figure of the Devil as seen by Luther and the Catholic
Church*
MARCUS VINICIUS REIS | JANAÍNA HELFENSTEIN
- 153 Resistência e contemporização: tensões políticas na implementação da Contra-
Reforma no Estado da Índia (1557-1580)
*Resistance and contemporization: political tensions in the implementation of the
Counter-Reform in the State of India (157-1580),*
NUNO VILA-SANTA
- 173 “Digno de favor por deixar a seita dos erros em que seus pais o haviam criado”.
A questão do luteranismo nas habilitações para Familiar do Santo Ofício
“Praiseworthy for having left the sect of errors that his parents had raised him in”.
The question of Lutheranism in the qualifications of familiars of the Holy office
JOÃO FIGUEIROA-REGO
- 191 O lionês Gaspar Trechsel na Inquisição de Lisboa. O livro como veículo de
difusão do luteranismo
*The Lyonnais Gaspar Trechsel in the Inquisition of Lisbon. The books as a vehicle
for the dissemination of Lutheranism*
JORGE FONSECA

IMPACTOS | IMPACTS

- 199 Impactos do luteranismo no império português: a Ásia e o Brasil (1520-1580)
Impacts of Lutheranism in the Portuguese empire: Asia and Brazil (1520-1580)
JOSÉ PEDRO PAIVA

- 217 Reflexos da cisão luterana em legislação diocesana católica?
Reflections of the Lutheran scission in Catholic diocesan legislation?
ANTÓNIA FIALHO CONDE | MARGARIDA SÁ NOGUEIRA LALANDA
- 233 A Bula *Ite vos*, 1517. Uma Reforma Franciscana no ano da Reforma
The Bula Ite vos, 1517. A Franciscan reform in the year of Reform
VÍTOR GOMES TEIXEIRA
- 265 “*And that holds him to be a bad Christian.*” How the image of the German community in Portuguese territory changed between the 15th and 16th centuries
“E que o tem por mau cristão”. Como a imagem relativa à comunidade dos alemães estantes no território português mudou entre os séculos XV e XVI
PAULO CATARINO LOPES
- 285 A irmandade de São José dos Pedreiros e Carpinteiros de Lisboa: a feição religiosa de uma instituição corporativa na Idade Moderna
The brotherhood of Saint Joseph of Stonemasons and Carpenters of Lisbon: the religious side of a corporate institution in the Modern Period
MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO
- 305 As representações de Lutero em porcelana chinesa do século XVIII
Representations of Luther in Chinese porcelain of the 18th century
TIAGO SIMÕES DA SILVA

REPERCUSSÕES NO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO |

- 321 REPERCUSSIONS ON ARCHITECTURAL HERITAGE
Defender almas e corpos nos Açores (1534-c. 1600). Arquitectura, urbanismo e fortificação
“*Defending souls and bodies in the Azores (1534-c. 1600). Architecture, urbanism and fortifications*”
ANTONIETA REIS LEITE
- 335 Between Castles and bastions: Dürer, Luther and the (circular) fortification
Entre castelos e baluartes: Dürer, Lutero e a fortificação circular
LUÍS COSTA E SOUSA
- 353 O Convento de Nossa Senhora da Quietação das religiosas flamengas em Lisboa ou a prática arquitectónica no novo mapa religioso
The Convent of Nossa Senhora da Quietação of the Flesmish in Lisbon or the architectural practice within the new religious landscape
HÉLIA CRISTINA TIRANO TOMÁS SILVA
- 369 Notas biográficas dos autores
Authors biographical notes
- 395 Resumos
Abstracts

ANTONIETA REIS LEITE

**Defender almas e corpos nos Açores
(1534-c. 1600). Arquitectura, urbanismo e
fortificação**

*Defending souls and bodies in the Azores
(1534-c. 1600). Architecture, urbanism and
fortifications*

Introdução

Em carta de 1586, a Câmara da Vila das Lages, na ilha do Pico, pedia a El Rei que mandasse o capitão residir na sua capitania, alegando que “porque como não temos cabeça que nos reja e governe estamos em muito perigo de sermos entrados por luteranos”¹. Este documento, já enquadrado pela União Ibérica e emitido a partir de um lugar periférico dentro da dinâmica do arquipélago dos Açores, reflecte o quadro geral que outras fontes confirmam para as ilhas atlânticas desde meados de Quinhentos, quadro onde claramente se percebe que, ao longo desse século, a ameaça “luterana” demandou acções concretas de fortificação, garantindo a salvaguarda de almas e corpos.

No caso concreto deste arquipélago, à referida carta juntam-se menções a luteranos, em especial acrescentadas dos adjectivos *corsários* ou *estrangeiros*, dispersas na obra *Saudades da Terra* do cronista quinhentista das ilhas Gaspar Frutuoso. Do mesmo modo a referência a esse “outro” (luterano, corsário ou estrangeiro) aparece também em documentos régios que ordenam a construção de fortalezas e de casas religiosas, precisamente para defesa dos lugares e gentes das ilhas desse novo inimigo, conformando um

* CES – Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal. *E-mail*: antonietaleite@hotmail.com.

1 “Carta a elrei da Camara da Villa das Lages, da ilha do Pico fazendo vários pedidos de 30 de Julho de 1586”, in *Arquivo dos Açores* 1980-1984: IV, 85.

conjunto de fontes documentais que, não sendo inéditas, são essenciais para o tema deste trabalho, não tendo sido ainda analisadas sob este prisma.

Sobre estas fontes, expostas ao longo do texto, pode desde já avançar-se que parecem demonstrar que o termo *luteranos*, pelo menos do ponto de vista local, adjectivava genericamente o “outro”, ou o inimigo que cobiçava a terra, sendo por isso utilizado com uma amplitude não correspondente ao significado puro. Frutuoso, por exemplo, transcreve uma descrição intitulada “Algumas cousas que se passaram em terra, enquanto no mar andavam as duas armadas [a de D. António e a dos Espanhóis] pelejando”, onde se sustenta que o único partido claramente católico era o de D. António, que, procurando ajuda de:

Frandes, de França e Inglaterra, lhe prometeram dar tanto favor e ajuda quanto bastasse e fosse necessário para cobrar e recuperar o seu reino, com maior aumento, e veriam como quanto possuem e têm os luteranos hespanhóis tudo há-de vir a sua mão, porque esta tão grande armada que aqui vedes, que traz sua majestade (onde vêm os príncipes e grandes senhores mui cristianíssimos de França, e o senhor Filipe Strosse [comandante das tropas francesas de apoio a D. António Prior do Crato], grande príncipe do mar, com grandes galeões e gente à sua custa e de outros seus amigos, e os mesmos senhores vêm em pessoa para cumprir o que têm jurado e prometido de meter de posse ao vosso Rei em Reino e dar-lhe ganhando o de Castela), é toda muito pouca (ainda que tal é tão forte que basta para destruir quatro das dos luteranos hespanhóis que ali vedes [...]).²

Acrescenta-se ainda que:

haveis de saber que vosso Rei [D. António] é tão católico que não quis ajuda de Grão Turco, que também para tudo isso lha dava. E não traz nenhum luterano consigo senão todos católicos, que por exaltar a fé católica há passado muitos trabalhos e visto-se em grandes guerras e encontros com luteranos; e o senhor Filipe Strosse traz uma honrosa cutilada pelo rosto, recebida por destruir luteranos, e outros grandes senhores que aqui vêm muitas feridas e golpes que houveram por exaltamento da fé.³

Pela parte tomava-se o todo e, se nos conturbados inícios de 1580 aqueles franceses que acompanhavam D. António eram, nas palavras transcritas por Frutuoso, “cristianíssimos”, em 1587, na carta da Câmara das Lages já referida, os corsários franceses – todos, infere-se – eram necessariamente luteranos.

Compreender como se relaciona o processo de defesa do arquipélago dos Açores no século XVI com a ameaça “luterana”, descrita em fontes locais, e como este se expressa materialmente no urbanismo, na arquitectura e na fortificação das ilhas é, pois, o tema central deste trabalho.

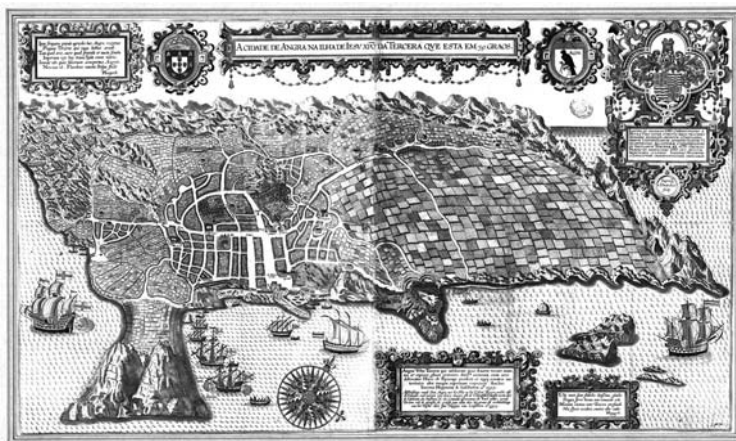
2 Frutuoso 1998, Livro IV, 420.

3 *Ibidem*.

A expressão urbanística e a defesa das almas

A sequência de factos que informam a necessidade de defesa das ilhas em relação ao “outro” recua ao início do povoamento, ainda no século XV, quando foram cobiçadas pelos castelhanos, estimulando profundamente de forma reactiva o povoamento e a fundação de vilas. Os dados relativos à fundação da vila da Praia da ilha Terceira serão os mais paradigmáticos deste período e estratégia, incluindo, além da fundação da vila, a construção de uma cerca urbana⁴. A partir da segunda metade do século XVI, as ilhas passaram a ser procuradas por corsários das demais regiões que também procuravam tirar dividendos da navegação atlântica. Contudo, o que sobretudo se altera a partir de então é o perigo em que se considera que passam a estar não só os corpos, mas também as almas, agora ameaçadas pelas dinâmicas reformistas protestantes, com acrescida intensidade a partir de 1580, quando também as esquadras inglesas passam a considerar inimigos os territórios sob domínio filipino.

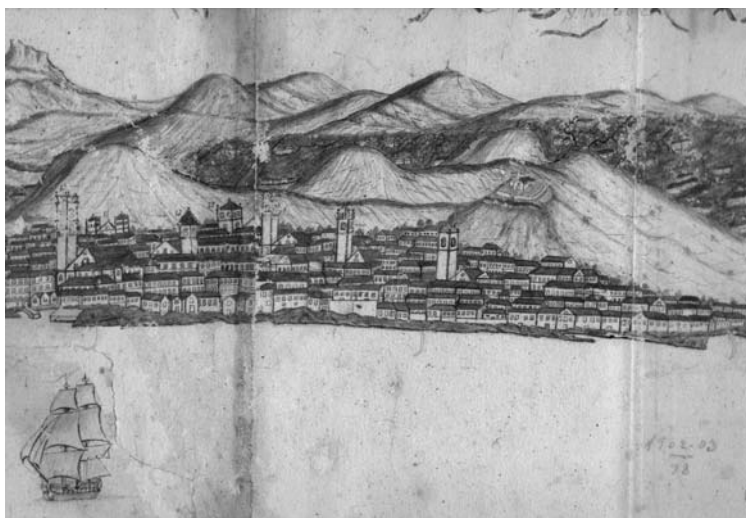
Por essa razão, nas ilhas dos Açores, como nos restantes domínios portugueses, já não bastava construir novas e mais resistentes fortificações em substituição das escassas e obsoletas construções de cariz medieval; paralelamente, revelava-se também necessário, além da construção de fortes modernos adequados às inovadoras técnicas pirobalísticas, de que adiante se ocupará o texto, construir novas casas religiosas, novas igrejas, e promover uma nova organização eclesiástica do território.



1 Jan Huygen van Linschoten. 1595. *A cidade de Angra na ilha de Iesv Xpo da Terceira Que Esta em 39 Graos*. Arquivo Nacional Torre do Tombo, PT-TT-CRT-196.

É nesse contexto que se deve compreender a instituição da nova diocese com sede em Angra, então elevada a cidade, e a reformulação urbanística promovida a partir daí, quer pela construção de quatro novas igrejas – dando expressão material à progressiva divisão da cidade e arrabaldes em paróquias –, quer pela edificação de seis conventos, quer ainda pela reformulação da malha urbana imposta pela sobreposição de uma nova catedral à velha Igreja do Salvador. Efectivamente há que sublinhar que a elevação da vila de Angra a sede episcopal e a cidade em 1534 deve ser entendida como parte integrante do processo enquadrado pela estratégia global dinamizada por D. João III para a reorganização do Império, o que, neste caso concreto, deixou uma profunda marca material na paisagem urbana e na expressão arquitectónica. Pode mesmo dizer-se que todo o sistema de essência ainda medieval que caracterizava Angra só foi revisto com a construção da Sé de Angra, obra de iniciativa régia, levada a cabo a partir de 1570 (data em que foi lançada a primeira pedra), mas com um projecto arquitectónico cujo início recua ao reinado de D. João III⁵.

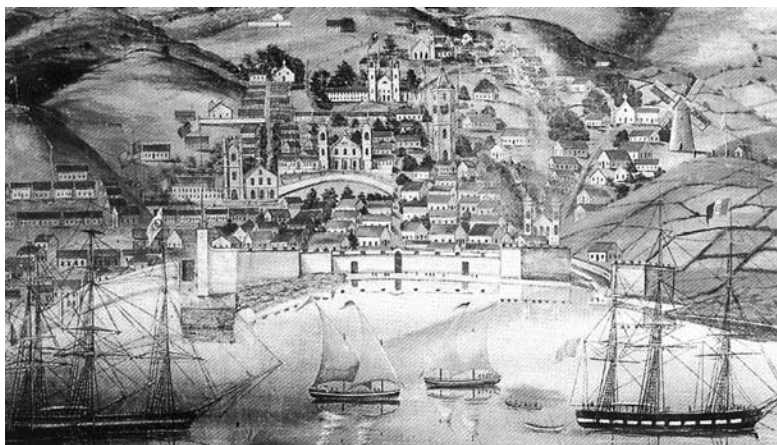
É por este processo de renovação urbanística que Angra se reabilita, surgindo como a expressão material do poder de um rei católico.



2 Vista da costa sul da ilha de São Miguel, centrada em Ponta Delgada mas estendida até à Lagoa a este, anterior a 1763. Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada.

As restantes vilas açorianas não receberam a atenção dedicada pela Coroa à cabeça do bispado, o que não impediu que processo semelhante se estendesse também a elas, como denunciam o número e a grandeza dos conventos fundados nas ilhas, *grosso modo* ao longo da segunda metade do século XVI e início do século XVII, ainda hoje bem notados nas paisagens urbanas das ilhas, densificando e constringendo o crescimento das urbes e pontuando com torres e torreões as silhuetas dos lugares das ilhas.

A cidade de Ponta Delgada, onde se fundaram os conventos de São Francisco (1525), da Esperança (1535), da Conceição (1664), de São João (1595), de Santo André (1567) e da Graça (1618), e ainda o Colégio dos Jesuítas (1592) e os recolhimentos de Santa Bárbara (1612) e de Sant'Ana (1624), denuncia claramente esta estratégia urbanística, observando-se como a construção de uma cintura de conventos e respectivas cercas limitou o perímetro urbano ao longo dos séculos XVI e XVII, deixando uma cicatriz ainda hoje bem visível e apenas suavizada pela ocupação oitocentista dos edifícios e terrenos deixados vagos pela extinção das ordens religiosas⁶. De resto, também a silhueta da vila fica profundamente marcada por estas estruturas, como bem expressa o perfil datado do século XVIII, aqui reproduzido, onde sobressaem as torres das igrejas e os mirantes dos conventos femininos.



3 Excerto de uma vista da Horta. New Bedford Whaling Museum, 1848.

A situação descrita em Ponta Delgada é também muito evidente no perfil da Horta, onde os conventos e igrejas fundados oferecem uma fachada enobrecida à urbe que os acolhe, atribuindo inclusivamente uma dimensão urbanística que não encontra espelho na malha urbana, tantas vezes descrita, de modo excessivamente simplificado, como a cidade da “rua única”.

Justifica-se, neste lugar, voltar ao caso de Angra, porque à obra da Sé – com o já referido impacto transformador da expressão urbanística da malha urbana de Angra – há que juntar com destaque outra construção de instituição régia, o Colégio dos Jesuítas, além da fundação de seis novas casas religiosas, num conjunto de acções que fomentaram uma renovação urbana claramente enquadrada pelo espírito da época de combate aos hereges (encarnados pelos luteranos), alinhadas pelo espírito da Contra-Reforma, surgindo Angra como evidente expressão material desse contexto.

Esse espírito de época fica muito claro na “Carta Padrão dos Padres da Companhia de Jesus, dos seiscentos mil reis que D. Sebastião atribuiu para a fundação do Collegio de Angra” de 1572, transcrita no século XVII pelo padre Manuel Luís Maldonado e publicada na *Fénix Angrense*, documento onde claramente se percebe que há um *outro*, estrangeiro, do qual é preciso proteger as ilhas, sendo para isso preciso ocupar simbólica e materialmente o espaço com casas religiosas, como acima se referiu.

Diz a carta:

No que toca ao espiritual das ditas ilhas em particular ao bispado de Angra... Tendo respeito a obrigação que pelas Bulas Apostólicas tenho de mandar nele edificar, mosteiros, e casas de religiosos, e com doutrina ajudem as almas, e assim a grande necessidade que disto há pera reformation dos costumes, e mais veneração do culto divino, especialmente em tempos tão perigosos, e em ilhas onde há tanto concurso de estrangeiros.⁷

Por essa razão, o rei determinou:

que se devia logo fundar, e edificar na cidade de Angra um colégio dos padres da companhia de Jesus com dote de seiscentos mil reis de renda em cada hu anno pagos em frutos a custa de minha fazenda [...] confiando do geral, que hora he da Companhia [...] pela pureza da Santa fee Catholica [...]. Hej por bem, e me praz que na dita Cidade d Angra Ilha Terseira se faça, e erija hu Collegio da dita Comppanhia [...].⁸

Os padres, chegados dois anos antes a Angra, instalaram-se primeiro no cimo da rocha no final da rua, ainda hoje denominada *Jesus*, em casas cedidas pelo provedor da fazenda, José da Silva Canto – como de resto ainda aparece representado no retrato de Angra desenhado por Linschoten e publicado em 1595⁹. O colégio novo, aberto no topo

7 “Carta Padrão dos Padres da Companhia de Jesu dos seiscentos mil reis da fundação do Collegio d Angra”, in Maldonado 1989, I: 234.

8 *Ibidem*.

9 Linschoten 1997.

da Rua Direita, que desde inícios do século XVI era o centro cívico e a mais importante rua da vila, “rua principal”¹⁰, como aparece denominada em algumas fontes, apenas os albergou a partir de 1608. Perto dali, em 1611, a Praça de Angra ganhou uma nova configuração e dimensão, autonomizando-se da Rua Direita. O projecto que nesse ano tomou forma ganhou extensão pelo recuo acentuado do edifício camarário, até então alinhado com a frente nascente da Rua Direita, conformando efectivamente, e finalmente, uma praça enquanto especificidade tipológica urbanística.

Com excepção da praça da cidade, hoje Praça Velha, como se disse aberta em 1611, não se guarda registo de nenhuma obra exclusivamente urbanística e nesse sentido (re)estruturante da malha, comprovando que o tecido urbano angrense se encontra genericamente estabilizado desde o último quarto de Quinhentos, quando Angra acumulava já o título de cidade e sede episcopal.

A fortificação da terra

Porque defender as almas não bastava, e proteger os corpos e a terra, sustento dos povos, era igualmente importante, a partir de meados do século XVI, o investimento na fortificação foi fortemente impulsionado pela Coroa, através do envio de duas missões às ilhas para reconhecimento do território: a primeira em 1552, liderada por Isidoro de Almeida, e a segunda, em 1567, organizada pelos italianos Tomaso Benedeto e Pompeo Arditì na sequência directa do ataque francês consumado contra o Funchal, na Madeira, no ano anterior¹¹.

A propósito da primeira missão, liderada por Isidoro de Almeida, vale a pena ler o que Frutuoso escreve:

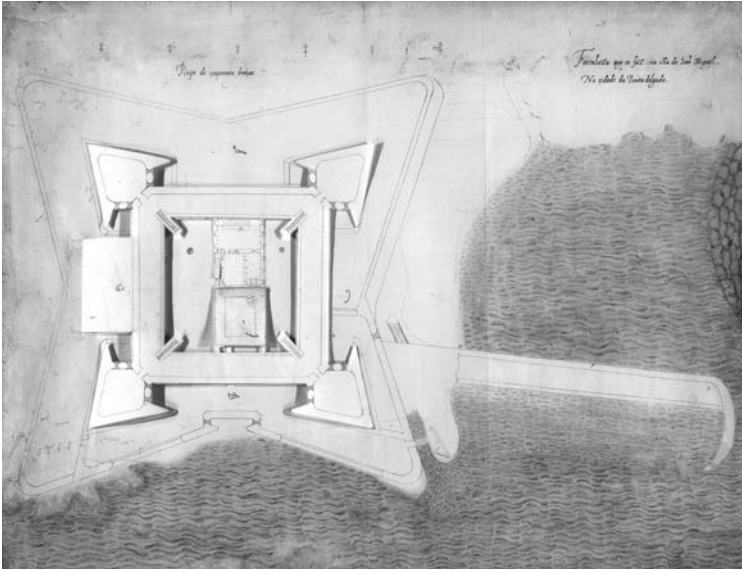
E, como o coração do rei está na mão de Deus, ainda que aos povos é coisa dura e mal recebida fazerem-se fortalezas à sua custa, sem atentarem ao seu perigo, inspirado de Deus, el-rei D. João III, ou vendo as coisas ao longe e temendo que os luteranos cossairos, saqueassem esta ilha e outras, determinou mandar fazer nelas alguns fortes, querendo que os capitães residissem em suas terras.¹²

Esta instrução, de resto, era compatível com o solicitado ao rei pela Câmara das Lages, no documento citado no início deste trabalho, corroborando a informação que dá conta quer da ausência dos capitães das suas capitánias, quer das dificuldades sentidas na defesa contra os luteranos.

10 Sobre este conceito, veja-se Leite 2016, 100-111.

11 Sobre a nomeação da missão de Isidoro de Almeida aos Açores, consulte-se “Carta d’Elrei de 18 de Outubro de 1552 sobre a defesa contra os corsários na Terceira”, in *Arquivo dos Açores*, XII, 417. Sobre a nomeação da missão dos italianos aos Açores, consulte-se Arditì 1948, vol. VI.

12 Frutuoso 1998, Livro IV, 311.



4 Atlas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, séc. XVI (segunda metade).
Forte de São Brás, Ponta Delgada (atribuído a Tomaso Benedetto e Pompeo Arditti).

Apesar de alguns dados indicarem que, desde logo na sequência da primeira missão, a construção de novas fortificações terá efectivamente tido início – se nem sempre em pedra e cal, pelo menos em madeira, em pau a pique e faxina –, esta missão teve acima de tudo o dom de promover a alteração do paradigma da estratégia de defesa das ilhas¹³. Passando claramente de um paradigma de cariz medieval – identificado, por exemplo, em Angra, no castelo de São Luís, nos muros e portas que por mar e terra delimitavam a cidade, mas também na já referida cerca urbana construída na Praia – para um sistema defensivo moderno – constituído por baluartes e panos de muralhas de carácter pontual, junto à linha de costa, estrategicamente colocados no território para cruzar fogo e defender áreas mais vastas do que aquelas protegidas pelas velhas estruturas –, tornava-se possível que, à sombra destas fortificações, um também novo paradigma urbanístico tomasse lugar e que novos equipamentos e extensões da cidade crescessem sob a sua protecção¹⁴.

Há que observar que este esforço de fortificação das ilhas é também coincidente com a consolidação do processo de povoamento e, por maioria de razão, com a consolidação

13 Na sequência da missão de 1552, o capitão da Praia propunha que, enquanto não se terminavam as obras, se construísse uma “instância de madeira” para instalar a artilharia. Leite 2016, 207.

14 No caso da Praia, veja-se como, na sequência de um grande sismo em 1614, um novo bairro foi instalado além do limite da velha cerca. Leite 2016, 211-218.

do processo de urbanização iniciado cerca de um século antes. Por outro lado, numa escala de análise maior e mais abrangente disciplinarmente, é também coincidente no tempo com a inovação da pirobalística que revolucionou as tipologias de fortificação, e no espaço, com a progressiva redefinição da geografia atlântica e das fronteiras dos territórios além-mar, paralela, por sua vez, a uma cada vez mais complexa construção social do espaço, de que o binómio Reforma/Contra-Reforma da fé católica é uma das faces mais visíveis¹⁵.

Há também que observar que a implantação material desta estratégia moderna apenas ganhou impulso após a visita dos engenheiros italianos, enviados também por D. João III às ilhas, à qual se seguiu o contínuo envio e contratação de técnicos especializados para o acompanhamento das obras localmente. É dos projectos dos italianos, datados de 1567, que nascem os fortes de pedra e cal da baía da Praia, a construção dos fortes de São Sebastião, em Angra, de São Brás, em Ponta Delgada, e de Santa Cruz, na Horta, entre muitas outras obras em torno das costas das ilhas.



5 Imagem oitocentista da Praia, onde se podem ver alguns dos fortes entretanto desaparecidos. Em primeiro plano o forte do Espírito Santo.

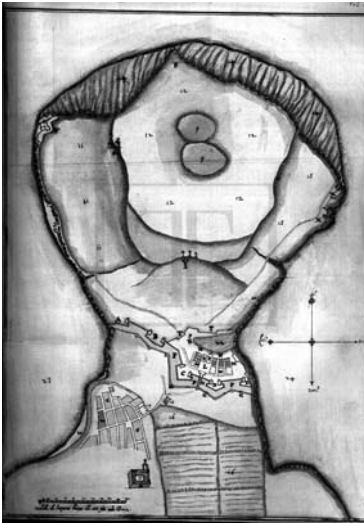
15 É interessante notar que no Mediterrâneo os técnicos da Coroa espanhola, em concreto Cristóbal de Rojas, promoviam a discussão em torno da possibilidade de se prepararem e projectarem tipologias de fortificação adaptadas aos diferentes inimigos, designadamente turcos e luteranos. Sobre este assunto, consulte-se Câmara 2013, 343.

É o que verifica em 1571, quando o rei ordena, uma vez mais, o regresso à capitania de Antão Martins Homem, capitão da Praia da Terceira, reiterando a constância da ameaça luterana:

mandando ainda que tanto que embora chegardes a Villa da Praia de que sois capitão onde ora his pera entenderdes na cousas da deffensão della façais pôr os moradores e mais gente della e de seu termo em ordenança [...] adiantando ainda que Cumpre muito fazer sse o assima dito com toda a brevidade [...] porque tenho nouas que se faz na Arrochella huma grossa armada de luteranos e reparar uos eis o mais deffencauelmente que puderdes e o mais conforme que for possiuel pera a fortificação que está ordenada.¹⁶

A fortificação que estava ordenada para a Praia era, naturalmente, o projecto de 1567, e, pelo que se subentende, as obras da muralha moderna da vila estavam ainda muito atrasadas¹⁷.

Importa sublinhar que, na sequência das missões fortificadoras em nome do rei, foram instalados nas ilhas, à imagem aliás do resto do Império, engenheiros militares para servirem e acompanharem estas obras, aos quais vários outros se juntariam a partir de 1580, o que permitiu que novas propostas e iniciativas tomassem lugar, quer por imposição do poder central, quer promovidas localmente, não obstante requererem sempre de autorização régia.



6 Forte de São Filipe, projecto atribuído a Tiburzio Spanochi. PT/TT/CCDV/29_m0206.

16 “Teslado de huma Carta d El Rei Nosso Senhor ao capitão Antão Martinz Homem sobre os Reparos”, in *Livro do Tombo da Câmara da Vila da Praia – 1450-1666*, 2005, 55.

17 Para uma visão mais aprofundada do processo de fortificação da Praia, veja-se Leite 2016, 100-111.

Para o primeiro caso, ilustrando as obras de iniciativa régia, o exemplar mais complexo será a fortificação construída no Monte Brasil em Angra, tipologicamente uma cidadela, como tal independente da cidade, cujo risco é atribuído a Tiburzio Spanochi, arquitecto de Filipe II, posterior, portanto, às missões enviadas por D. João III¹⁸.

Para o segundo caso, deverá incluir-se o projecto de construção de uma cerca em Ponta Delgada, bem como a construção do “cerco novo”, referida em documentos de 1577, obra que tem sempre sido vista como um complemento ao forte de São Brás e não como um projecto destacado e autónomo, como de facto parece mais acertado pensar-se. Isso mesmo se infere, quer a partir da petição ao rei “para a obra do cerco novo”, de Pedro de Maeda, mestre das obras reais em São Miguel e engenheiro que acompanhou a execução do projecto de defesa de Ponta Delgada e concretamente do forte de São Brás, a partir de 1567, quer das demandas dos frades de São Francisco e das freiras da Esperança, vizinhos da obra que veriam as cercas amputadas. Estes documentos deixam claro que o cerco novo não era mera obra de reforço do castelo de São Brás, mas tinha a intenção de constituir uma muralha que protegesse a cidade de um ataque por terra, defendendo-a caso uma invasão da ilha tomasse lugar por outro ponto da costa.

Segundo ordena a Provisão dada aos conventos franciscanos do Campo de Ponta Delgada, a partir do convento de Enxobregas, sede da província, os religiosos e religiosas daqueles conventos, sob pena de excomunhão, ficavam proibidos de:

embargar essa obra da cerca e muro que sua Alteza manda fazer para defensão dessa ilha tudo em nome do bem comum que há de prepor ao particular [não obstante considerar] causas justas para a dita cerca e muro não se fazer por donde está balizado e demarcado pelo circuito das cercas.¹⁹

Dadas as circunstâncias, os conventos respondem ao provincial, admitindo que:

posto que tenhamos algumas razões para alegar [...] cumpriremos as ordens superiores permitindo a construção da fortificação pela traça que está feita, constando que a perda e dano se nos satisfaça em coisa equivalente [...].²⁰

Os mesmos alegam igualmente que o capitão Manuel da Câmara, sucedido por seu filho Rui Gonçalves da Câmara, tentou:

levar a dele adiante e sem sermos ouvidos e em coisa de tanto prejuízo como é derrubar muros e cercas de religiosos e religiosas e perturbar a sua clausura [...] não se fazendo primeiro exame

18 Veja-se o número dedicado a este forte em *Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos* 2003, 5.

19 “Provisão do Reverendo padre frei António Pereira”, in *Arquivo dos Açores* 1980-1984, VIII: 425.

20 “Resposta do Convento de São Francisco à provisão do reverendo padre Frei António Pereira em demanda com os conventos da Esperança e São Francisco, por causa das fortificações de Ponta Delgada, de 12 de Janeiro de 1577”, in *Arquivo dos Açores, op. cit.*, vol. 1980-1984, VIII, pp. 425-428.

devido e ponderando a utilidade da obra o que feito não houvera este dano porque se podia alargar a obra e a traça.²¹

No mesmo documento adiantam ainda que já tinham sido emitidas autorizações régias para tomar chãos e quintais, o que no parecer dos conventos não era o mesmo que “derribar muros e cercas”; os autores fecham a alegação, lembrando que a pretendida cerca “não se pode acabar sem grande vexação do povo como o confessam os mestres dela”. Esta muralha começou efectivamente a ser construída, como se lê também na certidão do provedor: “vimos o lliuro de despeza na obra da cava he cerco nouo que se faz nesta sidade de Pomta Dellgada”²². Mas o rei, perante a contestação da cidade, chamou o mestre de obras Pedro de Maeda à corte para ser informado “das empossibilidades desta nova fortificação que he começada” e que, pelo que entende, partiu da vontade do capitão da ilha²³. Não havendo mais notícias deste assunto, parece legítimo deduzir-se que a Coroa decidiu cancelar o projecto do cerco novo, adjectivo que claramente a distingue da obra “velha” de São Brás, que, entretanto, terá sido concluída.



7 Edward Wright, *The town and platform of Fayall wonne by the right Honorable Earle of Cumberland*, 1589. British Library G.7312.

-
- 21 “Resposta do Convento de São Francisco à provisão do reverendo padre Frei António Pereira em demanda com os conventos da Esperança e São Francisco, por causa das fortificações de Ponta Delgada, de 12 de Janeiro de 1577”, in *Arquivo dos Açores* 1980-1984, VIII, 425-428.
- 22 “Petição de Pedro de Maeda para lhe passe certidão do dinheiro despendido na cava e obras do cerco novo, de 5 de Fevereiro de 1577”, in Viterbo 1988, II: 119.
- 23 “Carta a El rey da Camara de Ponta Delgada, de 29 de Abril de 1577”, in *Arquivo dos Açores* 1980-1984, IV: 79.

Para fechar, resta apenas referir que os esforços de fortificação das ilhas dos Açores não impediram a entrada de corsários e o saque de alguns dos seus lugares, de que ficou memória, no caso do Faial, a vista produzida por Edward Wright da esquadra de Cumberland, que em 1589 saqueou a Horta. Acrescente-se que, a par do retrato de Linschoten para Angra, estas são as únicas representações do espaço urbano das ilhas no século XVI e documentos preciosos para a história do urbanismo português de Quinhentos²⁴.

Notas finais

Pelo uso conjunto ou sobreposto dos binómios *luteranos-corsários* ou *luteranos-estrangeiros*, identificado nas referências recolhidas, pode dizer-se que, em certa medida, os “luteranos” deram nome e forma concreta a uma ameaça constante para as populações das ilhas, o curso, podendo ainda acrescentar-se que, pelo impacto que causaram enquanto definição mais clara do perigo que representavam para corpos e almas, a sua aproximação exigiu a programação de acções concertadas de resposta a um perigo concreto, não só localmente, mas também a partir do reino. De facto, parece também claro que o apelo das populações ameaçadas, não por simples corsários, mas por luteranos, mais facilmente poderia ser ouvido no reino, como se pode aferir a partir da carta da Câmara das Lages do Pico dirigida ao rei. A mesma ameaça serviu de argumento para o monarca justificar o esforço imposto por novas derramas às comunidades locais para financiamento dos novos fortes.

O modo como se relacionou o processo de defesa do arquipélago dos Açores no século XVI com a ameaça luterana, e como este se expressou materialmente no urbanismo, na arquitectura e na fortificação das ilhas, foi a questão global que este trabalho se propôs investigar. O que os dados expostos e analisados permitem aferir é que, em particular depois de criada a diocese com sede em Angra, e de forma cada vez mais estruturada a partir de 1552, quando a primeira missão fortificadora é enviada ao arquipélago, as vilas e cidades dos Açores transformaram-se materialmente em verdadeiros “Baluartes atlânticos da fé católica”²⁵, expressão que tomo emprestada do título do livro do Prof. Doutor José Pedro Paiva e que me parece muito expressiva da realidade que se construiu nas ilhas. Aqui, além dos fortes e da Catedral, os conventos, mosteiros e colégios que integram as malhas urbanas islenhas dão expressão material a uma renovada e afirmativa cidade atlântica católica.

24 Wright 1964, 27-54.

25 Paiva 2011.

Referências

- Arditi, Pompeo. 1948. “Viagem de Pompeo Arditi de Pesaro à Ilha da Madeira e aos Açores. Documentos para o estudo das relações culturais entre Portugal e Itália” (leitura de Guido Batteli e Trindade Coelho). *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* VI.
- Arquivo dos Açores*. 1980-1984. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 15 vols. (reprodução fac-similada da edição original).
- Cámara, Alicia. 2013. “La fortificación: el imperio de la geometría”. In *História Militar de España, III Edad Moderna, II Escenario Europeo*, dir. Hugo O’Donnel y Duque de Estrada, 342-371. Madrid: Ministerio de Defensa.
- Fruutuoso, Gaspar. 1998. *Saudades da Terra*, dir. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, 6 vols. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Leite, Antonieta Reis. 2015. *Açores Cidade e Território. Quatro vilas estruturantes*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.
- Leite, Antonieta Reis. 2016. “A Sé de Angra. Cabeça do bispado dos Açores”. *Norba: revista de arte* 35: 27-46.
- Linschoten, Jan Huygen van. 1997. *Itinerário, Viagem ou Navegação para as Índias Ocidentais ou Portuguesas*, ed. Arie Pos e Rui Manuel Loureiro. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- Livro do Tombo da Câmara da Vila da Praia – 1450-1666*. 2005. Fixação do texto por José Sintra Murtinheira, apresentação por José Guilherme Reis Leite. Praia da Vitória: Instituto Histórico da Ilha Terceira.
- Maldonado, Luís Manuel. 1989. *Fénix Angrense*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.
- Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos* 5 (2003).
- Paiva, José Pedro. 2011. *Baluartes da Fé e da Disciplina: O enlace entre a Inquisição e os Bispos em Portugal (1536-1750)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Viterbo, Sousa. 1988. *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos Engenheiros e Construtores Portugueses*, ed. fac-similada. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Wright, Edward. 1964. “Viagem do muito ilustre George, Conde de Cumberland, aos Açores, escrito pelo excelente matemático e engenheiro Mestre Edward Wright”. *Insulana* 20: 27-54.

of northern Europe, where Luther's ideas had the greatest impact and expansion. Some authors argue that certain services with this decoration were made to commemorate the bicentennial of his death, 1746, which coincides with their date of manufacture. One image of Luther flanked by two angels and surmounted by a cartouche with his initials and a representation of Christ preaching to his disciples is a copy of an engraving by Frans Brun printed in a Dutch Lutheran bible. However, there are known pieces with the same image reproduced in varying degrees of quality, and other pieces with the same historical character but with different configurations, which excludes the possibility that they were part of a single order.

Representations of Luther on 18th century Chinese porcelain leave us with more questions than answers about their origin and purpose, but are important for an extensive reflection about Luther's thought and influence in religious, social and cultural spheres in the following centuries.

Keywords: Martin Luther; Chinese porcelain; Iconography.

REPERCUSSÕES NO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO | REPERCUSSIONS ON THE BUILT HERITAGE

Defender almas e corpos nos Açores (1534-c.1600).

Arquitectura, urbanismo e fortificação

“Defending souls and bodies in the Azores (1534-c. 1600).

Architecture, urbanism and fortifications”.

ANTONIETA REIS LEITE

Resumo

Em carta de 1586, a câmara das Lages do Pico pede a el-rei que mande o capitão residir na sua capitania “porque como não temos cabeça que nos reja e governe estamos em muito perigo de sermos entrados por luteranos”.

Este documento reflecte o quadro geral que bastantes outras fontes confirmam para as ilhas Atlânticas, quadro onde claramente se percebe que ao longo do século XVI, movidas pela ameaça “luterana”, as ilhas, designadamente o arquipélago dos Açores, demandaram acções de fortificação das suas costas, em particular dos seus principais portos. Assim, a partir de meados do século o investimento na fortificação foi fortemente impulsionado pela Coroa, através do envio de duas missões às ilhas, a primeira em 1552, liderada por Isidoro de Almeida, e a segunda, em 1567, pelos italianos Tomaso Benedeto e Pompeo Arditì, esta última na sequência directa do ataque francês (“luterano”) consumado contra a Vila Baleira na ilha do Porto Santo e contra o Funchal na Madeira, no ano anterior. Em certa medida poderá dizer-se que os “luteranos” deram nome e forma concreta a uma ameaça constante para as populações das ilhas, o corso, e ainda pelo impacto que

causaram, enquanto definição mais clara do perigo que representavam para corpos e almas, que exigiram acções concertadas de resposta a um perigo concreto.

Este esforço é coincidente com a consolidação do processo de povoamento e, por maioria de razão, com a consolidação do processo de urbanização das ilhas iniciado cerca de um século antes. Por outro lado, numa escala muito maior, é também coincidente no tempo, com a inovação da pirobalística que revolucionou as tipologias de fortificação e, no espaço, com a progressiva redefinição da geografia Atlântica e das fronteiras dos territórios além-mar, paralela, por sua vez, a uma cada vez mais complexa construção social do espaço, de que o binómio Reforma / Contra-Reforma da fé católica será uma das faces mais visíveis.

Como se relaciona o processo de fortificação do arquipélago do Açores no século XVI, com a ameaça “luterana” e como se expressa materialmente no urbanismo, na arquitectura e na fortificação das ilhas, é o tema global apresentado por esta proposta de comunicação. Pretende-se sobretudo focar os casos de Angra e Praia na ilha Terceira e de Ponta Delgada em São Miguel, compreendendo os seus processos de urbanização e fortificação, particularmente aqueles momentos marcados pelas referidas missões de engenheiros militares enviados pela Coroa. Em concreto, pode ser referida e desenvolvida, a elevação de Angra a sede episcopal e a cidade (1534), processo enquadrado pela estratégia global dinamizada por D. João III para a reorganização do Império, que, no caso desta cidade, deixou uma profunda marca material na expressão arquitectónica, envolvendo, além a construção de uma nova catedral (1570), a reestruturação da malha urbana, e ainda a fundação do Colégio dos Jesuítas, de iniciativa régia. Ambos os processos estão claramente enquadrados no espírito da Contra-Reforma, surgindo como evidente expressão material desse contexto.

Como principais recursos esta proposta usa a análise histórico-morfológica das malhas urbanas, sustentada pelos dados recolhidos nas fontes e documentos coevos dos processos analisados.

Palavras-chave: Arquipélago dos Açores; “Luteranos”; Fortificação; Arquitectura; Urbanismo.

Abstract

In a letter addressed to the king in 1586, the municipality of Lages, on the island Pico, requested that the monarch order the captain to live in the captaincy “since without a head to order and govern us, we are in great danger of being invaded by the Lutherans.” This document illustrates a general scenario, confirmed by various documental sources regarding the Azores throughout the 16th century, showing how the “Lutheran” threat led the inhabitants of the islands to demand that their coastlines, and especially their main ports be fortified. In the mid 16th century the Crown began sponsoring the investment in fortifications. Two missions of military engineers were sent to the islands; the first, in 1552, was led by Isidoro de Almeida. The second, carried out in 1567 included

the Italians Tomaso Benedeto and Pompeo Ardit, and came after the French (Lutheran) attack perpetrated the previous year against Vila Baleira in the island of Porto Santo, and Funchal in the island of Madeira.

To some degree one could say that the “Lutherans” put a name and face on a threat that since the beginning of the islands’ settlement had constantly assailed the cities, towns and villages of the Atlantic archipelagos: piracy. The clearest danger represented by pirates was to the bodies and souls of the islanders, who demanded that concerted action be taken to protect the islands.

This fortification effort coincided with the consolidation of the settlement and urbanization processes that had begun in the previous century. On a larger scale, it also coincided with the evolution of ballistics and fortification typologies, and a redefinition of the Atlantic geography and new boundaries in the overseas territories. All these opened the way to a much more complex social construction of space, for which the binomial Reform/Counter Reform of the Catholic faith became one of its most visible faces. The main aim of this paper is to identify how the fortification process of the Azores in the 16th century relates to the “Lutheran” threat, and how it is expressed materially, namely in urban planning, and religious and military architecture of the archipelago. To that end the presentation will focus in the study cases of Angra and Praia on the island of Terceira, and of Ponta Delgada on the island of São Miguel. We will address how the urbanization and fortification processes took place, especially during the missions of the military engineers sent by the Crown. Attention will be given to Angra’s ascension to city and episcopal see (1534), as part of a dynamizing strategy by king John III to reorganize the Portuguese Empire. In the case of Angra, this resulted in major restructuring of the urban layout, as well as the building of a new cathedral and a new Jesuit school. Both projects were clear evidence of the spirit of the Counter Reformation.

The main resources used for this paper relied on a historical and morphologic analysis of urban networks, based on data from contemporary sources and documents

Keywords: Azores archipelago; “Lutherans”; Fortification; Architecture; Urbanism.

Between castles and bastions: Dürer, Luther and the (circular) fortification

Entre castelos e baluartes: Dürer, Lutero e a fortificação circular

LUÍS COSTA E SOUSA

Resumo

Propõe-se nesta comunicação uma breve reflexão a propósito da ligação entre Dürer e Lutero. A aproximação de Dürer aos protestantes é particularmente visível desde a viagem aos Países-Baixos (1520-21), mas sobretudo depois do regresso a Nuremberga (1521-28). Nos últimos anos da vida de Dürer é notória a simpatia, senão uma